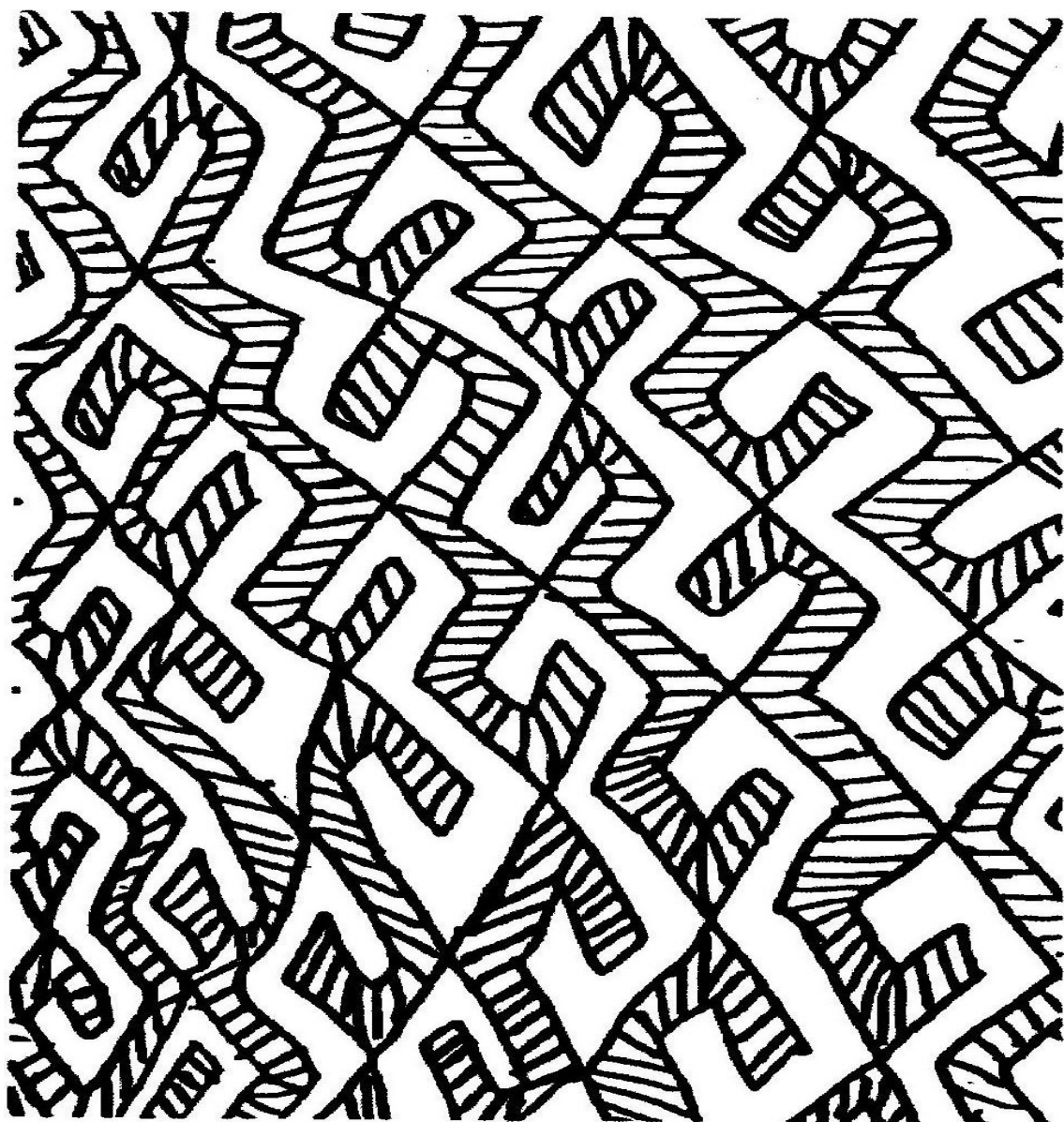


COSMOVISÃO TUPI-GUARANI E ANTROPOSOFIA



HELOISA OLIVEIRA



INTRODUÇÃO

Quando nasci meu pai estava longe... fazia o primeiro contato com uma tribo de índios no Xingú; minha infância foi povoada de suas histórias, vivências e algumas fotos. Eu ouvia encantada, imaginava, pensava, sentia...

Durante o curso de Formação Básico em Antroposofia, assisti palestra de Kaka Werá Jecupé. Lembro-me de como me impressionou na época, o quanto a cosmovisão Tupi-Guarani trazia em sua linguagem poética, ensinamentos que muito se assemelhavam aos conteúdos da cosmogênese segundo a Antroposofia. Pensei então em trazer ao grupo uma cosmovisão Tupi-Guarani, porém ligada aos princípios da Antroposofia. Procurei bibliografia, os livros do Kaká Werá e do Rudolf Steiner, além de outras fontes diversas, a fim de fundamentar os estudos.

Essa “doação” foi apresentada então no curso de Aprofundamento Espiritual da Adigo e, depois à minha turma do curso de Formação Biográfica e Caminho Iniciático em Florianópolis, quando então fui convidada pela Dra. Gudrun Burkhard a apresentá-la às outras pessoas interessadas. O que se segue é então o resultado desse trabalho onde pretendo trazer a cosmovisão Tupi-Guarani com a percepção da luz da Antroposofia. Imagino que seja um aquecer do coração vindo da alegria de reencontrar neste mito tão antigo, das nossas raízes brasileiras, tantas imagens que encontram eco nas descrições da Antroposofia segundo Rudolf Steiner.

O convite a todos é que acordemos nossos corações para que possamos vislumbrar a poesia e grandeza da cosmovisão Tupi-Guarani, e as semelhanças percebidas com a visão da Antroposofia.

Heloisa Oliveira

Rio de Janeiro, agosto de 2012.

“Depois de fundir-se o espaço e amanhecer um novo tempo
eu hei de fazer que circule a palavra-alma novamente
pelos ossos de quem se põe de pé,
e que voltem a encarnar-se as almas
disse nosso Pai Primeiro.

Quando isso acontecer
Tupã renascerá no coração do estrangeiro;
e os primeiros adornados novamente
se erguerão na morada terrena por toda sua extensão.”

(Profecia na nação guarani do clã Jeguakava narrado por Pablo Werá no início do século XX)



Um historiador e pesquisador de mitos e lendas paraguaio, Leon Cadogan, dedicou muitos anos a tentar buscar junto à aldeia dos Jaguaka Tenondé a origem de certas expressões que ouvira de cunho extremamente poético. Esse clã Guarani havia se mantido resistente às missões jesuíticas, às colonizações do homem branco, o quanto pode ao escravagismo e mantinha ainda preservadas suas tradições; e afirmam terem vindo de um lar que afundou após o levante de águas que ocorreu em tempos imemoriais guardados na história oral – antes das Grandes Águas.

Leon então estabeleceu os primeiros contatos e então visitou por anos a aldeia sem, contudo conseguir qualquer acesso às suas lendas, ditados e mitos. Apenas era observado pelo cacique Pablo Werá. O historiador ficou como sendo um contato da aldeia com as questões da cidade.

Um dia foi procurado pelo cacique, pois um membro da aldeia havia sido detido como mendicante nas ruas de Assuncion por andar de trajes rudes e ser índio. O historiador através de suas relações conseguiu libertá-lo. Pablo Werá pediu a seu povo que lhe contassem as histórias que conheciam, e então as portas do conhecimento se abriram.

Com o tempo, foi convidado a participar do Nimongaraí, uma das cerimônias mais importantes do Guarani; nela o ser é nomeado e o espírito acorda por meio do coração, pois só assim o ser é capaz de compreender determinados mistérios da vida, principalmente a sabedoria dos ancestrais.

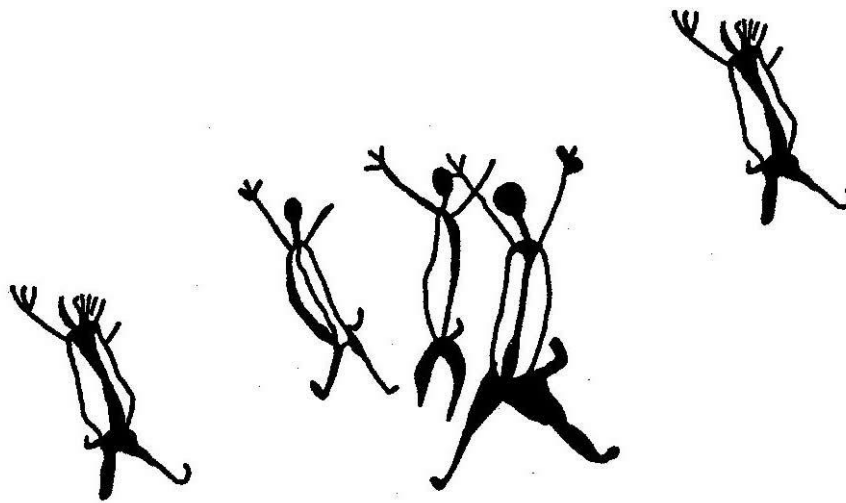
Leon Cadogan passa então a chamar-se Tupã Kuchuvi. Havia uma profecia guarani que dizia que “...Tupã renascerá no coração do estrangeiro”, e assim sendo pediram que as “palavras formosas” fossem registradas para que pudessem acordar futuros corações.

Anos depois, Tupã Kuchuvi leva o Prof. Egon Schaden, da Universidade de São Paulo, à aldeia. Em 1946, na Revista de La Sociedad Científica Del Paraguay, Leon Cadogan publica “Las Tradiciones Religiosas de los índios Jeguaka Tenondé Porangue Del Guairá comúnmente llamados MbYá, Mbyá-Apyteréo Kýnguá” e, em 1953, as palavras formosas foram publicadas pela primeira vez numa iniciativa da Universidade de São Paulo, nos “Boletins da Faculdade de Ciências e Letras”, com o título de Ayvu Rapyta (“Os fundamentos da Linguagem Humana”).

A cosmologia Tupi-Guarani apresentada está baseada nos livros Tupã Tenondé e Terra dos Mil Povos, de Kaka Werá Jecupé. Muitas partes foram reproduzidas dos livros, pois a poesia contida nas palavras é tão tocante que não conseguiria transcrevê-las de outra forma.

Toda palavra possui um espírito. Um nome é uma alma provida de um assento. É uma vida entoada em uma forma. Vida é o espírito em movimento. Espírito é silêncio e som. O silêncio-som tem um ritmo, um tom, cujo corpo é a cor. Quando o espírito é entoado, passa a ser, ou seja, possui um tom.

Tudo que existe entoa. Pedra, planta, animal, homem, céu, terra. As vidas assim acontecem. Grandes entidades da natureza cuidam da harmonia de forma para compor tudo que entoa. São os arquitetos, escultores, pintores, engenheiros, músicos e operários da criação, dirigidos por divindades anciãs, os Nanderus e pela própria Mãe-Terra que por sua vez são dirigidos pelos anciãos da raça, os mais antigos antepassados que se tornaram estrelas.



ENSINAMENTOS TRAZIDOS PELOS ANCIÃOS DA RAÇA VERMELHA APÓS O GRANDE DILÚVIO.

Arandu Arakuaa: A sabedoria dos movimentos do céu - trata da lei dos ciclos da Terra, do Céu e do Homem.

Ñe'eporãtenondé: "Palavras Formosas" - cânticos sagrados transcritos por Leon Cadogan.

Ayvu Rapyta: Fundamentos do Ser.

ÑE'EPORÃTENONDÉ ("Palavras Formosas")

As "**Ñe'eporãtenondé**" (palavras formosas) são as palavras sagradas da tradição tupi-guarani e afirmam terem vindo de um lar que afundou após o levante de águas que ocorreu em tempos imemoriais guardados na história oral – antes das Grandes Águas.

"Para conhecer as primeiras Palavras Formosas deves acordar o coração.

Para acordar o coração precisamos nomear-te,

celebrar tua palavra-alma e cantar."

Cerimônia do Nimoncaráí– o Ser é nomeado e o espírito acorda por meio do coração. Somente o ser é capaz de compreender determinados mistérios da vida, principalmente a sabedoria dos ancestrais.

Para aprender o conhecimento ancestral, o índio passa por cerimônias, que são celebrações e iniciações para limpar a mente e para compreender a "tradição", que é aprender a ler os ensinamentos registrados na natureza interna do Ser. O ensinamento da tradição começa sempre pelo nome das coisas e do modo como são nomeadas.

COSMOVISÃO TUPI-GUARANI

Kaka Werá denomina em “**TUPÃ TENONDÉ**”: **NAMANDU** como “Nosso Pai Primeiro”, “o Um”, “a Origem”, “o Grande Mistério”, “o Imanifestado”; **KUARACY** como “Mãe”, “Fogo” ou “o Dois”; **TUPÃ** sendo “o Desdobramento do Todo”, “o Três” ou “A Primeira Terra” e; a **TERRA** como “o Quatro” ou “o Mundo Material”.

NAMANDU, KUARACY, TUPÃ, e a **TERRA** são as grandes imagens arquetípicas da criação.

NANDE RU PAPA TENONDÉ

Vazio, Imanifestado, Nosso Pai Primeiro

Nande Ru Papa Tenondé, Nosso Pai Primeiro criou-se por si só na Vazia Noite Iniciada – era Imanifesto, a Suprema Consciência, nada existia. De si próprio iniciou seu desdobrar.

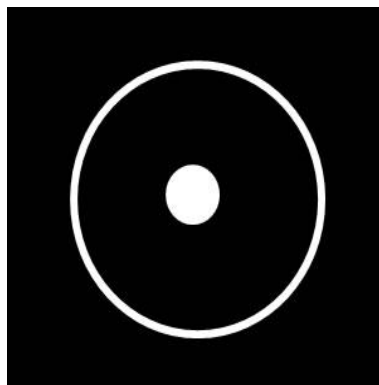
Nosso Pai Primeiro sustentava-se no Vazio, antes que existisse o sol ele existia por reflexo de seu próprio coração e fazia-se servir dentro de sua própria divindade.

Amor e Sabedoria contidos em sua própria divindade.

Antes de existir a Noite Primeira, e antes de ter-se o conhecimento das coisas, o Amor era.

NAMANDU

O Grande Mistério, O Imanifestado, O Um



Namandu, o Uno, o Imanifesto, o Vazio que se manifesta como espaço entoa sua vida eterna como vento, música primeira e última, para logo tomar a forma de um fogo-assento, algo como o trono divino.

Começa então o espaço-tempo.

“Antes de existir a terra, em meio à Noite Primeira, antes de ter-se conhecimento das coisas, criou o fundamento da linhagem linguagem humana que viria tornar-se alma-palavra. E fez o Grande Espírito que se formara parte e todo.

Antes de existir a Noite Primeira, e antes de ter-se conhecimento das coisas, o amor era. Concebeu como primeiro fundamento o amor.”

OS DESÍGNIOS DA CORUJA



Namandu é representado pela coruja – mistério e sabedoria.

Coruja - mistério e sabedoria, atributos do Pai-Mãe criador.

Traz a qualidade da consciência do existir, percebe a existência e seu fluir.

Imaginando o vazio como noite e os olhos como espelhos de uma Vida, percebe-se a manifesta intenção das Palavras Sagradas Guarani de colocar os olhos da coruja observando a noite cósmica.

O desdobrar sutil das sete dimensões sutis e materiais, é somente perceptível a esse olho silencioso que ancora no escuro sem temor. O escuro traduz as limitações das percepções que o mundo material proporciona.

KUARACY

Fogo-Mãe – o Dois



A segunda é Kuaracy, Fogo-Mãe, o Dois, fez com que se engendrassem chamas e tênue neblina (Pai e Mãe Primeiros do Poder Criador).

TUPÃ

O desdobramento do Todo, o Três,
Grande Som Primeiro



O terceiro é Tupã, o desdobramento do Todo, o Três, o Grande Som Primeiro. Ao calor, neblina junta-se o elemento água.

Essência de TUPÃ-TENONDÉ é NAMANDU – O IMANIFESTADO, tecido de vazio e silêncio, que são na visão ancestral, a expressão máxima do GRANDE MISTÉRIO CRIADOR DAS COISAS VIVAS.

Origina-se o som sagrado de sua bem-aventurada solidão.

Em Tupã Tenondé temos a criação dos co-criadores para Tupy (Ayvu Rapyta), os quatro cantos expressos a partir de Tupã Tenondé (Arayma), e início de Yvy Tenondé que prepara para a próxima fase.

Tupã apresenta-se como colibri, grande expressão do sagrado no povo guarani – **o que vê a totalidade a partir dos mundos sutis do espírito. Mensageiro divino que vem da morada de tupã.**



**“Da divina coroa irradiada,
flores e plumas adornadas em leque.
Em meio às flores plumas
floresce a coroa-pássaro do pássaro futuro
Luz veloz que paira de flor e beijo,
Que voa não voando.”**

MAINO I REKOYPIKUE

Os primeiros costumes do Colibri



O colibri traz em si a própria essência primeva, e de acordo com o pensamento Guarani, cada ser humano tem sua alma colibri que habita na morada do coração, território de Tupã.

Quando a alma colibri eleva-se ao apyte, a flor sagrada que reside um palmo acima da cabeça humana – espaço de Jakaira Ru - Eté – inspira e transmite sabedoria profunda.

Colibri é tido como mensageiro divino.

Presente em várias tradições andinas: Inca, Quéchua, Nazca, Aimará.



Namandu permeia tudo e a origem de tudo. A essência de Tupã Tenondé é Namandu. Tupã é o três, o grande som de onde aquele germe da linhagem linguagem humana (a essência) feito em Namandu então se expressa como palavra-alma – humano - a partir de Tupã.

Cita Kaka Werá em Tupã Tenondé:

Namandu erguido da sabedoria contida em sua própria divindade e em virtude da sabedoria criadora, pariu a essência da palavra-alma que viria a expressar-se: humano.

Criou também o fundamento da linhagem linguagem humana e fez que se pronunciasse como parte de sua própria divindade.

E fez o Grande Espírito que se formara parte e Todo.

Havendo criado uma porção de amor, da sabedoria contida em sua própria divindade e em virtude da sabedoria criadora, originou-se um som sagrado de sua sagrada solidão.

Tendo a essência do ser, a alma-linguagem, desdobrada então de uma porção nomeada Amor.

Havendo criado em sua solidão sagrada esse hino vida, refletiu profundamente sobre quem multiplicaria de si essa porção alma-linguagem futuramente nomeada humano.

Sobre quem faria parte, refletia, que formas formaria as palavras que comporiam a essência nomeada (homem!)

Havendo refletido profundamente, desdobrou-se de sua consciência divina e criou os Seres Trovão de grande coração, aqueles que seriam companheiros co-criadores de sua eternidade :

KARAI RU ETÉ, JAKAIRA RU ETE, TUPÃ RU ETE, ÑANDE RU ETE

co-criadores das almas-palavras de seus futuros e numerosos filhos, excelsos pais e mães verdadeiros das palavras-almas.

Os **Seres Trovões** colaboram criando o mundo, recebem a responsabilidade de gerarem as palavras-alma, tonalidades de suas essências para encarnarem na Terra.

YVY TENONDÉ

A Terra Primeira

Tupã inicia então a criação de Yvy Tenondé, a primeira Terra. Surge da base do cetro do criador vivificada pelas chamas e neblina do Grande Som Primeiro.

Criou-se cinco palmeiras eternas, nos quatro pontos cardeais, quatro colunas de sustentação - nascente, poente, norte, sul (os pajés chamam de “As Quatro respirações da Grande Mãe”) e também no centro, que asseguram a morada na terra.

JAKAIRA RU ETE (N) - KARAI RU ETE (L) - TUPÃ RU ETE (O) - NAMADU RU ETE (S)

NANDE CY RU ETE (Centro)



A palmeira azul é sagrada e sinaliza as moradas. A palmeira é um ser de grande responsabilidade e de poder para a tradição. Representa no reino vegetal o mesmo que a coruja e o colibri no reino animal. É a Senhora erguida. O azul é a cor do céu, o poder maior do Ser.

Seres definem a paisagem na Terra: A serpente Ancestral - flui pelo cetro que forma o eixo da terra, a primeira cigarra vermelha (som da cura), y-mai – o senhor das águas, gafanhotos verdes com chiados encantados engendrando futuras matas, inambus vermelhos entoando os cantos para celebrar a aparição dos campos, tatu para conhecer as profundezas desta terra.

Esses seres que agora vemos como animais são apenas imagem e reflexo daqueles primeiros.

A Senhora da Noite é a coruja, reflete a sabedoria do nosso Pai, Sol do Amanhecer.

Tupã Tenondé se desdobrou em co-criadores Seres-Trovões, que colaboram criando mundos e constelações, agora prepara um co-criador para a morada terrena. Desdobrar-se-á em Tupy.

Co-Criador para a morada terrena - TUPY (Tu = som, py = de pé)

“Uma tonalidade da Grande Música Divina, colocada de Pé, encarnada, dentro de um assento chamado corpo-carne, para entoar a criação no mundo terreno, para ser na Terra o que sua essência sagrada é no céu – escultor, tecelão, cantor e transformador da vida.”

ARA YAMA

O Espaço Tempo Original

A tradição revela que a natureza repete até hoje a dança da criação macrocós mica para que possamos guiar-nos por seu ritmo e harmonia.

São quatro cantos expressos a partir de Tupã Tenondé.

ARA YAMA (Inverno) - céu primeiro, seco e vazio, inverno original.

Gesta e brota o desdobramento do tempo e da vida.

ARAPOTY (Primavera) - as flores celestes, é a vida em seu nascer.

ARAKUARA-CY-PUKU (Verão) - as emanações mães iluminadas e largas, o calor da vida que rompe e realiza o grande dia.

ARA PYAU ÑEMOKANDIRE - os dias que se erguem e ressurgem em si mesmos, dando cadência ao tempo quando a vida outona.

Os quatro cantos do movimento da criação são revelados por meio dos ciclos da natureza, desde que os ventos começaram a soprar desse espaço tempo primeiro, gerando um inverno, um outono, uma primavera e um verão.

NANDE CY

A Terra, o mundo material, o Quatro



oñemboapykapotajeayúporangue i embirerovy'a rã i
Está a dar assento a um Ser para alegria dos bem-amados.

**“Quando uma contraparte da humanidade se tornar estrela,
a Terra alcançará sua meta de ser
ESTRELA-MÃE.”**

(Segundo a tradição Tupi-Guarani)

GRANDES CICLOS OU ESTAÇÕES CÓSMICAS

Conforme a ciência sagrada, houve quatro estações da natureza cósmica, em cada uma reinando um Nande Ru, que são quatro divindades que comandam os quatro cantos do espaço, que por sua vez, comandam os quatro elementos sagrados do espaço: terra, água, fogo e ar, que interagem com o crescimento e desenvolvimento do ser humano, bem como todo o conjunto de suas vidas. As estações são representadas pelas quatro direções: norte, sul, leste, oeste.

As estações ou ciclos movimentam-se tendo no centro Nandecy – a Mãe Terra – que dança com a tarefa de tornar-se Estrela Mãe. Cada ciclo reflete-se em provas, desafios, aprendizados para todos os reinos.

Desafio de cada ciclo para amadurecimento das tribos humanas.

Cada ciclo entrelaça com todos os reinos da vida -mineral, vegetal, animal, humano, supra-humano, divino – se intercala em tons pelos três mundos, que se entremeiam e formam o mundo que vemos. Símbolo é a “ARANHA” – intercessão e entrelaçamento – a teia representa os princípios da Tradição.



Primeiro Ciclo **JAKAIRÁ**

O primeiro ciclo foi regido por Jakairá – divindade responsável pelo espírito, pela substância, pela neblina e pela fumaça.

Neste primeiro ciclo a terra começa a ser povoada pelas Tribos-Pássaro e Povos Arco-Íris. As Tribos Pássaro deixam os Mistérios Sagrados para a humanidade que estava por nascer. O grande desafio deste ciclo que se manifesta na Terra ora como neblina ou bruma ora como “um grande amanhecer circundado de relâmpagos em vestes rosadas”, foi a coragem para a liberdade. Coragem de penetrar em seu sagrado Mistério. Aqueles das Tribos Pássaro que não ousaram deixaram como herança para os futuros filhos da Terra o medo, que com o passar das estações foi se agarrando aos ossos do humano gerando, tempos depois, as diversas formas de escravidão.

“Manifesta como neblina ou bruma, ora como amanhecer circundado de relâmpagos em vestes rosadas”

1º Grande Ciclo: JAKAIRÁ – início semente do povoamento.

Tribos Pássaro e Povo Arco-Íris.

Tribos Pássaro – deixaram os mistérios sagrados para a humanidade que estava para nascer já no 2º Grande Ciclo – KARAÍ RU ETÉ.

DESAFIO: CORAGEM PARA A LIBERDADE – Coragem de penetrar nos Sagrados Mistérios.

As tribos pássaro que não ousaram, deixaram como herança a qualidade do MEDO, que com o movimento das estações foi se tornando um espírito que se agarrou nos ossos do humano gerando a escravidão.

JAKAIRÁ - VENTOS ATUAM FORMANDO, UNINDO E SEPARANDO.

Segundo Ciclo
KARAÍ RU ETÉ
Senhor do Fogo Sagrado

O segundo ciclo foi o de Karáí Ru Eté, Senhor do Fogo Sagrado, divindade do fogo e da luz. Nesta estação criou-se a roça para o crescimento e desenvolvimento do Homem-Lua e Mulher-Sol, que gerou a tribo vermelha, que inicia a elaboração do Ayvu Rapyta; é a raiz das culturas dos povos da floresta. O desafio foi a descoberta da noite, que gerou outros tantos, pois dela, quando se olha de determinado ponto, parece que o Homem-Lua e Mulher-Sol estão separados. E deste ponto nasceram três espíritos da noite: o Espírito do Sono, o Espírito do Sonho e o Espírito da Ilusão. Neste ciclo o Fogo uniu o que era para ser unido e separou o que era para ser separado.

2º Grande Ciclo: KARAÍ RU ETÉ - Senhor do Fogo Sagrado - criou a roça para o desenvolvimento do Homem-Lua e da Mulher-Sol, que gerou a tribo vermelha que por sua vez iniciou a elaboração do AYVU ROPYTA – raiz da cultura dos povos da Floresta.

DESAFIO: DESCOBERTA DA NOITE. Nascem três espíritos: Espírito do Sono, Espírito do Sonho e Espírito da Ilusão.

Cada um deixa sua realidade para as outras gerações.

KARAÍ RU ETÉ- O FOGO UNE O QUE É PARA SER UNIDO E SEPARA O QUE É PARA SER SEPARADO.

Terceiro Ciclo

TUPÃ

Grande Som (TU=Som, PÃ= expansão, fluir)

O terceiro ciclo foi o de Tupã, o Senhor dos Trovões e Tempestades, Comadante das Sete Águas, sendo o grande desafio o Poder.

Tupã deu como benção colocada na orelha esquerda a inteligência (arandukua) e na orelha direita a sabedoria (mbaekua).

Na cabeça humana fez sua pintura, chamada pensamento, seus raios e trovões em ação, cujo corpo são as águas das emoções e dos desejos que se movimentam para o Criar e o Destruir.

Neste ciclo, o mais difícil para a Mãe Terra, a humanidade quase a extinguiu, colocando em risco a Dança Sagrada da Galáxia, pelo mau uso que fez do poder de criar.

Os povos desta época trouxeram acumulados em seu sangue as más sementes dos ciclos passados; os espíritos do medo, sono, sonho, ilusão, escravidão que nublaram o ser de esquecimento, o que gerou no Ciclo de Tupã a posse, a disputa, o apego, ampliados pela consciência do Poder.

Tupã reagiu limpando todo o mal com o Sal da Terra. As águas abraçaram a mãe para que não morresse desse mundo.

Tupã significa em língua abanhaenga, Grande Som. “Tu” quer dizer som, barulho, e “Pan” expansão, fluir. Sua essência manifestada é a palavra e sua contra-parte não manifestada é o pensamento.

Os Anciãos detinham o Arandu Arakuaa (“a Sabedoria dos Movimentos de Céu”), que trata das leis dos ciclos da Terra, do Céu e do Homem.

3º Grande Ciclo: TUPÃ - raios, trovões e águas, comandante das sete águas. TUPÃ - disseminando o ARANDU ARAKUVAA (a “Sabedoria dos Movimentos do Céu – trata das leis dos ciclos da Terra, do Céu, do Homem.”)

TUPÃ:

sua essência manifestada = PALAVRA;

sua essência NÃO manifestada = PENSAMENTO.

DESAFIO: foi o PODER.

Esse ciclo foi o mais difícil para a Mãe Terra, pois a humanidade quase o destruiu, colocando em risco a Dança Sagrada das Galáxias pelo mau uso que fez do poder de criar.

Tupã reagiu limpando todo o mal com o Sal da Terra. As águas abraçaram a Mãe para que ela não morresse deste mundo.

Neste ciclo as águas uniram o que era para ser unido e separaram o que era para ser separado.

TUPÃ DEIXOU SUA ESSÊNCIA EM NÓS PARA EXERCITARMOS A ARTE DE CRIAR E DESTRUIR.

Ao fim de cada estação, para aqueles que não haviam superado seus desafios e lições, foram deixados meios para poderem vencer a si mesmos, separando as boas e más heranças dos seus caminhos antepassados. Os anciãos da Grande Tribo Vermelha que venceram todos os ciclos anteriores deixaram então, os meios, os fundamentos e a sabedoria extraída de cada tempo antigo para que seus netos possam se erguer e seguir a caminhada da vida.

Quarto Ciclo **NAMANDU**

Quarta Estação (NAMANDU) Temos a Tradição da Grande Mãe, a princípio a Tradição Una [Tribo dos descendentes da Raça Vermelha, depois se divide em Tradição do Sol (tupinambás) e da Lua (Tupis), e a Tradição do Sonho (Tapuias – tribos locais)].

Durante todo o desenvolvimento na Terra fundamentaram-se três grandes tradições: a Tradição do Sol, Tradição da Lua e Tradição do Sonho. Atravessaram três estações cósmicas: Jakairá, Karai e Tupã. Na quarta estação (Namandu) procuram fazer a síntese das tradições anteriores, que podemos chamar a Tradição da Grande Mãe, pois dentro da diversidade dos povos, tem em comum o culto e reverência à Mãe Terra, que sempre ofertou tudo que necessitam.

Os Nanderus junto com as Quatro Divindades Dirigentes formam os Ancestrais Primeiros. O índio tem profunda gratidão por seus ancestrais, antepassados, pois foram os artesãos, modeladores e moldes do tecido chamado corpo, feito com fios perfeitos de terra, água, fogo e ar, entrelaçando-se em sete níveis do tom que somos, assentando o organismo, os sentimentos, as sensações e os pensamentos que comportam um Ser, que é parte da Grande Música Divina.

Como gratidão e reverência existem os ritos, cantos sagrados, danças e cerimônias. Esse conjunto de celebrações e ensinamentos forma a Tradição da Grande Mãe.

4º Grande Ciclo: NAMANDU.

(TRADIÇÃO DA GRANDE MÃE) responsável pela Terra, mas é o Grande Mistério. Antecede todos os ciclos, mas permeia todos – é a grande unidade.

TRÊS TRADIÇÕES (vindas do ciclo de Tupã)

TRADIÇÃO DO SOL E TRADIÇÃO DA LUA – “TUPY” – Tupinambá, Tupi-Guarani – Inicialmente era uma só tradição – Tradição Una - e foi ensinada pelos anciãos da raça vermelha, com o tempo foi se dividindo.

Anciãos da raça vermelha trazem o AYVU ROPYTA.

TRADIÇÃO DO SONHO – Tapuias (Jê).

TRADIÇÃO DO SOL -Tupinambás – expansivo – navegadores, viajantes, guerreiros, precisavam colonizar os tapuias e “acordar” seus nomes.

Arte da conquista através da caça, batalha e agricultura; desenvolveu medicina a partir do controle dos espíritos da natureza e passaram a manejar chuvas, plantas e culturas.

TRADIÇÃO DA LUA - Teceram conhecimento para o interior da Terra e interior de sua existência. Achavam que os tapuias precisavam “recordar” seus nomes.

Desenvolveu a medicina do sonho, da reflexão, da filosofia e da arte; buscou aprender com os espíritos da natureza os fundamentos da existência.

Filhos da Lua – Mistério das brumas de Jakairá, cidades templo (Paititi, Manoa, Vinani)

TRADIÇÃO DO SONHO - FILHOS DA TERRA – Tapuia (Jê)

Tapuias: Tribos de diversos locais – povo de Lagoa Santa, povo da Flecha, Povo de Humaitá, Povo dos Sambaquis, Povo de Itararé – resquícios arqueológicos. Foram renomeados pelos parentes e inimigos: Goitacás, Aimoré, Xavante, Krahô, Bororó, etc. Desenvolvimento através dos sonhos.

As tradições do Sol, da Lua e da Grande Mãe ensinam que tudo se desdobrou de uma fonte única formando uma trama sagrada de relações e inter-relações de modo que tudo se conecta com tudo.

AYVU ROPYTA

Os Fundamentos da Linguagem Humana

“O ser fundamenta-se no fato de ter sido desdobrado de nosso Pai Primeiro, o ser fez-se parte da divindade primeira, como medula, palavra-alma, da coluna do Criador”.

Ser e linguagem, alma e palavra são uma só coisa.

AYVU representa o espírito como som vivo, sopro-luz primeiro aquilo que é eterno e vivifica o corpo e manifesta-se no reino humano sob a pele da palavra, pelo sopro que a preenche.

O espírito sopra, vida-luz se desdobra em três:

Ayvu - espírito

Ñe'eng – alma – porção divina da alma - designa também a fala **Ñe'en'g-cy**=o espírito que os Seres Trovões enviam para encarnar no que está para nascer.

Tu – som-matéria, corpo.

“O ser humano é percebido como palavra-alma que é expressa por meio da linguagem e por meio do pensamento.”

Ser e som tem o mesmo sentido.

Som é mais que vibração sonora, é corpo-vida, princípio dinâmico da luz cuja forma denominamos “consciência”.

Da mesma forma que o Todo desdobra-se em sete dimensões e três mundos, o Ser acompanha.

No Mundo-Céu, o Ser e o Todo se manifestam como unidade.

No Mundo-Terra, o Ser e o todo se manifestam como diversidade.

No Mundo-Intermediário, o Ser e o Todo se manifestam expressando a marca do masculino (JEGUAKA) e do feminino (JASUKA) e colocando a vida em movimento.

Esses três mundos acontecem e forma interdependente e fundamentam o Ser.

“As dimensões do Ser vibram em sete notas ancestrais incluindo-se o silêncio. Essas cordas vibrantes interpenetrando-se, gerando a música da vida, totalizando o Ser.”

OS SERES TROVÕES estabelecem moradas espirituais nas quatro direções e agora recebem a responsabilidade de gerarem palavras-alma, tonalidades de suas essências para encarnarem na Terra.

Quando nasce uma criança, diz-se “dar assento a uma palavra alma”.

Os filhos que virão dos Seres Trovões serão **“sons andantes cantando vidas, cada uma em seu tom”**.

Os Seres Trovões expiram suas essências a partir de suas moradas e de seus elementos, qualificando o ser que será assentado, encarnado, ou como se diz, receberá da mãe a coluna, os ossos e o coração da vida terrena.

O movimento da vida será impulsionado pelo feminino, com a marca do masculino atuando como dia-noite, macho-fêmea.

O início e o fim se recriarão por meio das quatro estações, tecidas pelas Quatro Respirações da Mãe Terra.

Ocorre então o próximo desdobramento do Grande Som: Tupy.

Tupy significa: Tu=som, Py= pé, assento, logo, Tupy quer dizer “som-de-pé”, o ser humano, palavra-alma. Uma tonalidade da Grande Música Divina colocada de pé, encarnada dentro de um assento chamado corpo-carne, para entoar a criação no mundo terreno, para ser na Terra o que sua essência sagrada é no céu – escultor, tecelão, cantor e transformador de vida.

O grande Movimento da Vida é o Amor Incondicional e Sabedoria.

Cada nome é o lume de uma vida. Cada vida semente para a Terra. Cada semente possui um tom próprio, mas levará a marca do masculino e do feminino, assim como levará os dons dos Seres Trovão que habitarão no coração de cada semente como Pai.

Nessa Música Sagrada, cada ser que nasce terá seu tom, portará sua coluna e se erguerá com seu tempo, podendo tornar-se um coração – valoroso – é o desejo dos Bem Amados Mestres Trovões – para que as qualidades supremas de amor e sabedoria que os ventos distribuem possam ser manifestadas no mundo terreno, assim como o é no universo.

“Por isso tu, enquanto habitares a terra,
de minha morada formosa haverás de recordar-te.
Eu inspiro palavras formosas em teu coração,
de modo que não podes igualar-te
às imperfeições da morada terrena”

O desejo dos Mestres Trovões é as palavras-almas na Terra tornarem-se corações valorosos, enfrentarem com valentia as adversidades que se apresentem e, como estão no coração de seus filhos, recordarem o coração fará acordar e circular a palavra do Pai novamente. Palavras formosas serão inspiradas nos corações de modo que não poderão igualar-se às imperfeições da morada terrena. Falar será seu valor, mas calar-se será o mais alto.

Trovões – para que as qualidades supremas de amor e sabedoria que os ventos distribuem possam ser manifestadas no mundo terreno, assim como o é no universo.

OS DEUSES TECEM NOMES

Eis o mistério da encarnação humana. **Um nome é uma palavra-alma.**

Os nomes passam a ser entoados pelos Deuses das palmeiras azuis, preparando-se para encarnar.

Cada semente tem um tom próprio, mas levará a marca do masculino e do feminino, assim como levará os dons dos Seres-Trovões que habitarão no coração de cada semente como pai.

A Mãe Terra mobiliza-se em seus quatro elementos: terra, água, fogo, ar, para gestar as futuras sementes-luzes que irão povoar o reino humano no mundo terreno.

A natureza repete toda a melodia do principio do macro-universo para iniciar a vida no micro-universo chamado Terra.

Assim a vida multiplica-se e espalha-se.

Os nomes mostram a que morada do mundo espiritual cada palavra-alma habita. Quando se tornam carne, é necessário uma cerimônia para desvendar a essência-mãe de cada alma. Essa essência é o dom doado de cada divindade – pode vir com o poder do fogo, da terra, da água, ou do vento; pode ganhar as qualidades da neblina, da flor, da madeira, do mel, das folhas verdes, dos campos, das pedras. Esses são os dons da palavra-alma, e a consciência desses dons favorece o caminhar da linguagem e do indivíduo na morada terrena, pois eles transmitem os temperamentos, os pontos fortes e fracos do ser.

CORPO SOM DO SER

Os Tupis antigos (chamados de Tubuguaçu) tinham a sabedoria da alma, do ayvu, o corpo-som do ser.

Corpo é feito de fios perfeitos de terra, fogo, ar e água entrelaçando-se em sete níveis do tom que somos, assentando o organismo, os sentimentos, as sensações e os pensamentos que comportam um Ser, que é parte da Grande Música Divina.

A partir da sabedoria ligada a uma ciência do sagrado, intuíram técnicas para afinar o corpo físico com a mente e o espírito.

O espírito é entendido como música, fala sagrada (NÊ-ENPORÃ) que se expressa no corpo; o corpo é flauta (U'MBAU), veículo por onde flui o canto e expressa o AVÁ (o ser-luz-som-música), que tem sua morada no coração.

A flauta é feita pela urdidura de quatro pequenas almas (quatro angás mirins) que fazem parte dos quatro elementos: terra, fogo, ar, água. Eles precisam estar afinados para melhor expressar o Avá (o ser-luz-som-música) – (porção luz que sustenta o corpo-ser do fogo sagrado que move os guerreiros dando-lhes vitalidade, capacidade criativa e realizadora).

Por isso fez-se o JEROKI, a dança, com o fim de afinar todos os espíritos pequenos do Ser.

Para que cante sua música no ritmo do coração da Mãe Terra, que dança no ritmo do coração do PAI-SOL, que por sua vez dança no ritmo de MBORAY (amor incondicional) abençoando todas as estrelas.

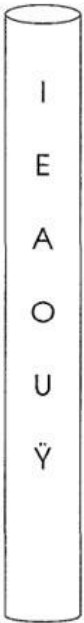
Dessa maneira cada um pode expressar através de seu corpo a harmonia, entrando em sintonia com Tupã Tenondé o Grande Espírito que Abraça a Criação.

Compreendendo o ser como um Tu-Py, um som-de-pé, os antigos afinavam o espírito a partir dos sons essenciais do ser, sons que participam de todos os seres.

Os tons essenciais que afinam o espírito são o que a civilização reconhece como vogais.

Cada vogal vibra uma nota do espírito que os ancestrais chamavam de Angá-mirim, que comporta o AYVU, estruturando o corpo físico.

São sete tons – quatro referentes aos quatro elementos – terra, fogo, ar e água, coordenando a parte física, emocional, sentimental, psíquica do ser. Três sons referem-se à parte espiritual do ser.

	<p>“Y” – TOM DE ANGÁ-MIRIM RAIZ - TERRA</p> <p>“U” – ANGÁ-MIRIM ÁGUA</p> <p>“O” – ANGÁ MIRIM FOGO</p> <p>“A” - ANGÁ MIRIM AR</p> <p>“E” - GARGANTA</p> <p>“I” – FRONTAL</p> <p>7º Tom que é o SILÊNCIO</p>
---	--

Tons	Referente	Local de Vibração	Ativação
Y	Angá-mirim TERRA	Base da coluna	Vitalidade Física, Concretização
U	Angá-mirim ÁGUA	Umbigo	Vitalidade emocional
O	Angá-mirim FOGO	Plexo Solar (kuaracy mirim)	Irradia ayvu Vitalidade psíquica
A	Angá-mirim AR	Coração	Vitalidade sentimental
E	Alma	Garganta	Expressão da alma como palavra
I	Espírito	Frontal	Intuição
Silêncio	Conexão	Coroa	Inspiração

Os tons são: Y (tipo U gutural), U, O, A, E, I e por último o som insonoro, que não se pronuncia, mas que em “abanhaenga” se pronunciava unindo-se os sons mudos da expressão MB (como em MBoray – sabedoria, amor).

“Y” – TOM DE ANGÁ-MIRIM RAIZ - TERRA

Vibra padrão terra do ser.

Sua morada é a base da coluna.

Tom da vitalidade física, da concretização, da segurança, da determinação.

Bater pé no chão é liberar este som – é ato guerreiro de estar firme no caminho.

“U” – ANGÁ-MIRIM - ÁGUA

Vibra padrão água do ser.

Umbigo.

Tom da vitalidade emocional.

No fluxo natural manifesta o bem-estar emocional e estimula a criatividade.

Quando o corpo está preso, dançá-lo solta as más águas.

“O” – ANGÁ-MIRIM - FOGO

KUARACYMIRIM – pequeno sol do ser.

Plexo solar.

Sua vibração irradia AYVU e dançá-lo pode purificá-lo.

“A” - ANGÁ-MIRIM - AR

Mora no coração.

Sua vibração faz a união do céu com a terra, ou seja, das partes internas e externas com seu ser.

Seu tom vibra com os sentimentos.

“E” - GARGANTA

Expressão da alma atuando na forma da palavra.

Região responsável pela liberdade da alma, é a NÊE-PORÃ, a Fala Sagrada do Ser.

“I” – FRONTAL

Mora na Gruta Sagrada do Ser – entre os olhos no fundo da cabeça.

Estabelece relação com o 7º tom que é o SILÊNCIO – favorece a intuição quando dançado.

COSMOVISÃO TUPI-GUARANI E MITOLOGIA DE OUTROS POVOS

Pontos Cardeais	Seres Trovões	Deuses Maias que sustentam a Terra nos quatro pontos cardeais	Hinduísmo Guardiões do Mundo ou sustentadores do Mundo	Quatro Guardiões do Céu, Quatro Estrelas Fixas	Quatro Arcanjos	Quatro Evangelistas
Norte	Jakairá Ru Eté	SacXibChaac (Deus do Vento Norte)	Kuvera	Régulos (Leão)	Rafael	São Marcos
Sul	Namandu Ru Eté	KanXibChaac (Deus do Vento Sul)	Yama	Formalhaut (Aquário – peixes)	Gabriel	São Mateus
Leste	Karáí Ru Eté	ChacXibChaac (Deus do Vento Leste)	Indra	Aldebaran (Touro)	Miguel	São Lucas
Oeste	Tupã Ru Eté	ExXibChaac (Deus do Vento Oeste)	Varuna	Antares (Escorpião)	Uriel	São João

“Deuses Cósmicos se fundiam em um só. Em si incluíam os quatro elementos e os quatro pontos cardeais – Deuses do Fogo, Ar, Água eram Deuses Celestes”(18)

A “Serpente” dos Sete Trovões pronuncia as sete sílabas “Tu, sela as coisas que os sete Trovões falam, mas não as escreva” - “Buscai esses mistérios?” - “Não há nenhum mistério melhor do que elas (as sete vogais), porque conduzirão vossas almas à Luz das Luzes” (18)

Homem é o símbolo setenário no plano terrestre, da Grande Unidade, o UNO, o Logos, que é signo cristalizado de sete vogais. (18)

Templos egípcios e hebreus – havia cortina gigantesca sustentada por cinco pilares separando o Sanctum Sanctorium (onde só os sacerdotes penetravam), da parte que tinham acesso os profanos. Com suas quatro cores, a cortina simbolizava os quatro elementos principais e com os cinco pilares significava o conhecimento do que é divino, ao alcance do homem e através dos cinco sentidos com a ajuda dos quatro elementos. (18)

Os quatro guardiões do céu são as quatro estrelas fixas e estão associadas aos quatro Arcanjos:

Régulus (Arcanjo Rafael), Leão, norte. **Fomalhaut** (Arcanjo Gabriel), Aquário-Peixes, sul. **Aldebaran** (Arcanjo Miguel), Touro, leste. **Antares** (Arcanjo Uriel), Escorpião, oeste.

Cada uma das quatro estrelas vigia as demais estrelas para sustentar a Terra e o Céu.

Quatro Seres Trovão: Jakaira (ar) - N Karai (fogo) - L Tupã (água) - O Namandu (terra) - S

Lipikas: Senhores do Karma. (18,19)

Quatro Maharajas: quatro divindades cármicas colocadas nos quatro pontos cardeais a fim de guardar a humanidade. Grandes Reis Devas, agentes dos elementos e dos pontos cardeais e protetores do ser humano e agentes do karma. (18)

Os Quatro Regentes Superiores dos Quatro Pontos Cardeais e dos Elementos, que através dos cinco sentidos podem conhecer as verdades da natureza.

Ezequiel descreve os quatro Anjos Cósmicos “Eu contemplava, e então vi... um torvelinho uma... nuvem e um fogo que a envolvia... e do meio dela saiu a imagem de quatro criaturas viventes... tinham a aparência de homens, E cada um tinha quatro rostos... e também quatro asas... e o rosto de homem e a cara de leão... a cara de boi e a cara de águia... e quando eu olhava as criaturas viventes, eis que surgiu uma roda sobre a Terra... para cada um dos quatro rostos... como se fosse uma roda no meio de outra roda... pois o espírito da criatura vivente estava na roda” (18 - Doutrina Secreta vol. I estância V)

A figura do homem representaria São Mateus; o leão, São Marcos; o touro, São Lucas
e a águia, São João.

“Quatro rodas aladas em cada ângulo... para os Quatro Santos e seus exércitos (Legiões)”. São os “Quatro Maharajas” ou os Grandes Reis, dos Dhyán Chohans, Devas, que presidem a cada um dos quatro pontos cardeais. São os regentes ou Anjos que governam as Forças Cósmicas do Norte, Sul, Leste, Oeste; Forças que possuem, cada qual uma propriedade oculta distinta.” (18- Doutrina Secreta vol. I estância V)

... Se falamos de Anjos ou Dhyán Khohans é igual, pois aqueles que de fato reconhecem a unidade da Sabedoria Cósmica, esses sabem que são apenas nomes diferentes para a mesma coisa.”(6)

Anjo Apocalíptico segundo João: O clamor do anjo soa do mais íntimo de sua alma, da região do seu coração.

Um eco cósmico ressoa: sete trovões lhe respondem. Mas João recebe a ordem de não escrever o conteúdo das palavras-trovões e deixa-as em segredo. O anjo, ouvindo em resposta a seu grito um tal eco abalador do mundo, agora sabe que o fim dos tempos é chegado. (18)

Hinduísmo: quatro pontos cardeais, quatro sustentadores ou guardiões do mundo. Indra (leste, oriente), Yama(sul), Varuna (oeste), Kuvera (norte). (18)



Cruz Celta



Tupã Tenondé

“Existe no Islamismo uma categorização hierárquica. Em primeiro lugar estão os quatro Tronos de Deus, com formas de leão, touro, águia e homem.”

SEMELHANÇAS OBSERVADAS ENTRE A COSMOVISÃO TUPI-GUARANI E A DA ANTROPOSOFIA

Este estudo tem como objetivo mostrar semelhanças observadas entre a Cosmovisão Antroposófica com o que temos relatado sobre a Cosmovisão Tupi-Guarani.

“Por meio da história o homem só pode conhecer uma parte da vida da humanidade nos tempos pré-históricos. Os testemunhos da história comum só iluminam alguns milênios. E mesmo o que nos ensina a paleontologia ou a geologia é muito limitado... Ninguém pode afirmar que aquilo que o tempo conservou é o essencial... Mas tudo que nasce no tempo tem sua origem na eternidade. A eternidade porém não é aprendida pela percepção dos sentidos físicos: mas ao homem estão abertos os caminhos para a percepção do eterno. Esse pode elaborar as forças latentes em seu ser, podendo chegar assim a conhecer o eterno. “

(Rudolf Steiner – A Crônica do Akasha)

Povos antigos e sociedades tribais elaboraram uma linguagem analógica diferente da linguagem lógica do branco ocidental, uma linguagem mítica onde as noções de tempo e espaço assumem outras feições; feições tais que possibilitam uma compreensão de aspectos mais sutis dos dinamismos daquilo que chamamos existência. (8)

As imagens mitológicas antigas guardam uma visão cosmogônica na qual fica implícita uma ordem sistêmica, uma organicidade que segue os padrões sistêmicos, e, ainda mais, um *vínculo* indissolúvel entre o Espírito, entendido como a mente criadora e a Matéria. Os deuses são o

Espírito e a Cosmogonia representava a perfeita realização das Idéias Divinas como revelação sensível divina. (8)

Segundo Steiner, somente com a Sabedoria Primordial acessível pela clarividência temos acesso ao conhecimento da evolução da Terra sob o enfoque da ciência espiritual. Para encontrarmos essa Sabedoria Primordial em sua verdadeira forma superior temos que retroceder até um período onde não havia nada perceptível aos nossos sentidos, pois o mundo teria de surgir dessa própria Sabedoria Original, colocada na linguagem bíblica como “no princípio era o Verbo”

Na cosmologia Tupi-Guarani no início era um imenso vazio, o imanifesto, o que continha todas as coisas vivas mas não era perceptível. Por si mesmo, em sua Imensa Sabedoria Criadora, inicia em si seu desdobrar gerando um fogo assento – calor. A essa Primeira Manifestação do Imanifesto, o Uno, chamam NAMANDU. A partir de então começa a existir o espaço-tempo. Em NAMANDU já estava presente o que viria tornar-se a linhagem da futura linguagem humana – Tupi – o som-de-pé – o homem.

O budismo tibetano e o hinduísmo também conhecem essa noção de um “a-Tempo”, e a representam pela imagem da Serpente Ananda, sendo que neste contexto aparece mordendo a própria cauda. Os alquimistas, também conheciam esta imagem.

“Oroborus. A figura é uma das mais antigas e universais da antiguidade, sendo encontrada desde os tempos mais remotos, em culturas tão diversas quanto distantes no tempo e no espaço, tanto que não há como estabelecer sua data ou local de origem. Há representações de Oroborus em figuras persas, maias, egípcias, celtas, chinesas, nórdicas, gregas, medievais e hindus. O Oroborus sempre manteve um significado singular em todas as culturas em que esteve presente: o infinito, a imortalidade, a eternidade, o renascimento. Por conseguinte, era também associado à regeneração; às fases lunares; à vida após a morte e também à totalidade universal, com seus ciclos transformadores de destruição e reconstrução.”(8)



Na Antroposofia, o desenvolvimento da Terra se faz por sete fases, sendo que nos encontramos na quarta fase; sendo elas: Antigo Saturno; Antigo Sol; Antiga Lua; Terra (Marte-Mercúrio); Júpiter; Vênus e Vulcano. *Na fase Vulcano o homem atingirá sua evolução espiritual máxima, não existindo*

mais qualquer matéria, no Tupi-guarani, a Terra segue seu curso evolutivo para um dia se tornar Estrela.

Entre as fases, ocorre período de contração, coagulation, para se seguir nova expansão, contendo os elementos da fase anterior acrescidos dos elementos da fase seguinte, quando então floresce a nova fase, chega a seu apogeu, começa a retrair e então chega ao período de interiorização máxima quando então inicia seu renascimento. A essa fase de contração máxima chama-se de Pralaya. *A cosmologia Tupi-Guarani chama de Inverno Cósmico, Arayma, sendo que a estes se seguem as outras estações . A manifestação destas estações cósmicas no microcosmo da Terra chama-se as Quatro Respirações da Grande Mãe e se refletem como as quatro estações do Ano.*

Ao Antigo Saturno corresponde a primeira fase de manifestação, onde tudo se inicia com a manifestação de calor anímico, onde já está presente o germe do que viria a tornar-se o homem. Está presente o germe do corpo físico. *Percebe-se uma relação com Namandu, em sua essência.*

Após um Pralaya, fase de contração, coagulation, segue-se uma nova fase, de expansão, uma nova fase que contém tudo da fase anterior e à qual se acrescenta novo elemento, ar, luz.

À essa segunda fase Steiner denomina Antigo Sol. Tem os efeitos calóricos de Antigo Saturno e agora também elemento “aéreo”, estado gasoso, vaporoso. Seu interior continha calor, mas também ventos, correntes gasosas em todas as direções, se pudéssemos nos aproximar veríamos somente intensa luminosidade. Todas as formas de vida no Antigo Sol seriam gasosas e luminosas, permeadas de calor. Formação do corpo etérico.(7)

Na cosmologia Tupi-Guarani a segunda fase é Kuaracy, o Fogo-Mãe, o Dois, onde há chamas e tênue neblina.

Novo Pralaya, segue-se a terceira fase, Antiga Lua. O planeta pode ser percebido então como uma grande massa viva, de consistência líquida, mais densa que a água atual, com movimento constante. Aos elementos anteriores calor, ar, luz soma-se o elemento aquoso, o éter químico ou sonoro. Forma-se o corpo astral.

A consciência dos homens-animais de então teria sido uma consciência onírica, de sonho. Seus destinos seriam totalmente direcionados pelos Anjos, Arcanjos e as Inteligências Divinas que cuidavam da evolução e evoluíam junto.

Observamos relação com a terceira fase da cosmologia Tupi-Guarani – Tupã, o desdobramento do Todo, o Três, o Grande Som Primeiro. Ao calor, neblina se junta a água. Origina-se o som sagrado de sua bem-aventurada solidão. Tupã apresenta-se como colibri, criação da alma-colibri. Criam-se os Seres Trovões que irão ajudar na criação da Terra.

Novo Pralaya, a quarta fase é a Terra Atual. Temos os elementos ígneo, aéreo e aquoso.

No Tupi-Guarani a quarta fase é Nandecy, com a criação de Yvy Tenondé, a terra material e onde “está para dar assento um ser para a alegria dos bem-amados (Seres Trovões)”

A cada fase correspondem sete eras e a cada era sete épocas, segundo Steiner.

Na fase atual, temos então sete eras, a saber: Polar, Hiperbórea, Lemúria, Atlântica e Atual até o momento, e mais três que ainda estão por vir. Dentro da era atual, temos as épocas culturais: Antiga Índia, Antiga Pérsia, Antigo Egito, Greco-Romana e época Atual.

Durante o desenvolvimento da Terra, os Exusai ou Espíritos da Forma agraciaram o Ser Humano com uma fagulha de sua própria essência, e o “Eu Humano” começa a incandescer nela. Até esse momento o ser humano via-se integrado no mundo espiritual, via-se como um membro de um organismo sublime formado por Seres que lhe eram superiores mas não se via como uma individualidade, ainda não se conhecia. (7)

Em decorrência desta ação, nasceu no ser humano a possibilidade de refletir conscientemente a sabedoria do universo e reproduzi-la como um reflexo cognitivo. Isto é, a consciência humana perdeu o caráter de ser um simples espelho do Universo, pois o homem converteu-se no senhor de seu conhecimento. O ponto central dessa soberania era o corpo astral e o Eu que originalmente lhe era superior, foi colocado como seu dependente. Daí ele ter ficado exposto a um elemento inferior de sua constituição, o Corpo Astral. As entidades que causaram essas conseqüências deu-se o nome de Luciféricas. Essas entidades ao darem ao ser humano a possibilidade de não só refletir a sabedoria do universo, permitiram o surgimento do livre-arbítrio e ao mesmo tempo a possibilidade de incorrer no mal e na morte.

A Era Polar era, segundo Steiner, ainda etérica, um grande ovóide etérico, não material. *Não aparece relatada na cosmologia tupi-guarani.*

A Era Hiperbórea já tinha uma constituição, tudo era permeado por elemento gasoso e por luminosidade. Os proto-homens eram criaturas nebulosas, esvoaçantes, meio-humanos, meio-animais, etéricas, com reprodução por auto-fecundação e bipartição, não tocavam o solo, flutuavam na densa atmosfera, enevoadada, impedindo uma possível visibilidade. As Hierarquias os direcionavam, ou seja, eram regidos por instintos básicos de orientação.

Na cosmologia Tupi-Guarani, a fase Terra – Nandecy tem também quatro eras chamados por ciclos: Jakairá, Karai, Tupã e Namandu. Cada uma dessas fases regida pelo respectivo Nanderu.

O primeiro ciclo foi regido por Jakairá – divindade responsável pelo espírito, pela substância, pela neblina e pela fumaça. A Terra era coberta por neblina ou bruma ora como “um grande amanhecer circundado de relâmpagos em vestes rosadas”. Neste primeiro ciclo a terra começa a ser povoada pelas Tribos-Pássaro e Povos Arco-Íris. AS Tribos Pássaro deixam os Mistérios Sagrados para a humanidade que estava por nascer. O grande desafio deste ciclo foi a coragem para a liberdade.

Aparece aqui a imagem dos que “não ousaram” e deixaram como herança para os futuros filhos da Terra o medo, que com o passar das estações foi se agarrando aos ossos do humano gerando tempos depois as diversas formas de escravidão.

A era seguinte segundo Steiner foi a Lemúria, na qual as coisas se tornavam progressivamente mais sólidas, predominava uma densificação de um estado “líquido-fogoso”, calor intenso, atmosfera densa, natureza enfurecida, vulcões, fogo e gases, maremotos. Havia os homens animais lemurianos, ocorre a separação dos sexos. O Eu começava lentamente a dominar o corpo astral, o que não era fácil. Os Lemurianos tinham influência mágica sobre as forças da natureza. Os homens dominavam a vontade e as mulheres a memória. Imagem da sacerdotisa e deusa como Mãe-Terra (deusas primordiais).

Os paleontólogos sabem que os hominídeos desta época eram capazes de andar de pé, como tinham a área craniana de Broca, provavelmente podiam emitir certos sons que se assemelhavam à fala primitiva. Seriam menos do que os homens e mais do que macacos. Segundo Steiner, no final da Lemúria “O mundo animal e vegetal havia se desenvolvido até o nível dos anfíbios, aves e mamíferos inferiores e plantas semelhantes ‘as nossas palmeiras e similares, embora sob forma diferente das atuais.” Os antepassados evoluídos, as pessoas iniciadas tinham contato direto com os deuses.

O segundo ciclo foi o de Kará Ru Eté, Senhor do Fogo Sagrado, divindade do fogo e da luz. A semelhança da presença do fogo, criação da roça para o povoamento, a geração da tribo e o início a elaboração da mitologia da formação do homem (Ayvu Rapyta) que é levada para o próximo ciclo, o de Tupã. E deste ponto nasceram três espíritos da noite: o Espírito do Sono, o Espírito do Sonho e o Espírito da Ilusão – na Lemúria os seres luciféricos passam a ter uma atuação no corpo astral do ser humano.

Segundo Steiner a quarta era seria a Atlântica. Nesta, um pequeno grupo que havia sido salvo do desaparecimento da Lemúria formava a base para o povoamento, tinham grande memória e poder sobre as forças da natureza. Viviam em grupos com identidades comuns. Com a conquista da memória aparece a língua. A língua tinha poder mágico. Linguagem. Sua utilização era algo sagrado. Ocorre a conquista do pensar (inteligência e sabedoria). No final já havia pensamento lógico e as primeiras regras. Os atlantes tinham grande poder e começam a fazer mau uso, gerando caos na natureza e o fim de Atlântida (dilúvio).

Todos esses povos atlantes seriam a fonte arcaica das antigas sagas e mitos indo-europeus, os quais constituiriam as bases do pensamento complexo das civilizações antigas dentro da nossa Era, como a hindu, a chinesa, a maia, a asteca, a egípcia, a caldéia, a céltica, a judaica, jônico e gregos. (8)

Na cosmovisão Tupi-Guarani, o terceiro ciclo foi o de Tupã, o Senhor dos Trovões e Tempestades, sendo o grande desafio o Poder. O homem recebe as bênçãos da inteligência (arandukua) e sabedoria (mbaekua), tem o pensamento, a linguagem, a arte de criar e destruir. Pelo mau uso do poder de criar, gerando a posse, a disputa, o apego, ampliados pela consciência do Poder, quase extingue a humanidade que é então salva pelas águas que abraçam a mãe para que não morra deste mundo. De Tupã a raça vermelha migra então para a América e são os ancestrais dos Tupi-Guarani.

Steiner relata que, na Atlântida, teria existido uma grande massa de pessoas comuns e uma minoria geneticamente mais refinada. Essa minoria era, por isso, orientada por um líder espiritual, um “mensageiro dos Deuses”, um Manu (“o que pensa”, em sânscrito). Este Manu, conhecedor do passado akáshico e das tendências cósmicas orientava seus seguidores sobre os Mistérios – os quais formavam uma tradição de conhecimentos secretos a respeito do Universo e das coisas como as que estão sendo tratadas neste texto. O Manu então seleciona corpos mais refinados e almas atlantes para uma próxima etapa evolutiva, sabiam que o continente passaria por um processo cataclísmico. (8)

O Manu então começou a dirigir correntes migratórias em várias direções a partir de Atlântida, chegando às Américas, Ásia e África e, foram construindo novas culturas pelo seu caminho e criando novas etnias.

A Era Atual tem em si sete épocas culturais.

Observamos na comparação com a cosmologia Tupi-Guarani a referência ao conhecimento passado pelos antepassados da raça vermelha chegados após o Grande Dilúvio, sendo seus mistérios transmitidos pela tradição oral.

O quarto ciclo Tupi-Guarani é Namandu, e fala da colonização do homem, da Tradição da Grande Mãe.

Os descendentes da raça vermelha que aqui chegaram após o levante das Grandes Águas eram os Tupys. A Tradição era Una e foi passada pelos anciãos da raça vermelha ancestral como Ayvu Rapyta (“Os Fundamentos da Palavra Habitada” ou “Os Fundamentos do Ser”, pois ayvu significa “alma, ser, som habitado, palavra habitada”. Os Tupys, após o ciclo de Tupã, se dividiram em Tupis-Guaranis e Tupinambás. A Tradição Una se bipartiu em Tradição do Sol (Tupinambás) e da Lua (Tupis). O povo nativo, antes da chegada das Grandes Canoas dos Ventos, fora nomeados Filhos da Terra - Tapuias pelos Tupys remanescentes e estes germinaram a Tradição dos Sonhos.

Em relação ao Verbo, a criação do homem, ‘a palavra-alma, a “Tupi”- “som-de-pé”.

Numa concepção primordial, a idéia, o conceito – o Verbo – abrangia o homem todo como uma criação etérica. (...) Esse corpo etérico do ser humano, caso o desenhássemos, representaria algo terrivelmente complicado. Ora, no fundo esse corpo etérico do ser humano pode ser tão pouco representado como algo estável como um raio. (...) O corpo etérico está em constante movimento, em constante atividade.

Todos os fonemas compreendidos no alfabeto fornecem conjuntamente, com toda sua mobilidade, a imagem do homem etérico. Ao pronunciá-los comunicamos ao ar a reprodução do corpo etérico.

Esse era o processo a que se referiam os antigos ao utilizar o conceito “o Verbo”. Eles sabiam, por um conhecimento intuitivo, que com o conjunto de fonemas colocavam diante de sua cosmovisão espiritual uma imagem do homem etérico.

As forças que dão ao ser humano sua configuração e aquelas por cujo intermédio ele fala são, portanto, as mesmas. A configuração humana é criada pela palavra.

Cito também RUDOLF STEINER MISSIONAND ITA WEGMAN

Éfesos era o centro do Mistério do Mundo, do Logos (Palavra), e mais uma vez os pupilos eram convidados a meditar sobre a fórmula: “Fala, Oh homem, e revelarás através de ti o vir a ser de mundos”. O pupilo desenvolvia em sua própria natureza interna, vivenciando internamente os processos espirituais operantes através da palavra. Vivenciava como o ar, corrente expiratória, recebia a espiritualidade como um calor vindo do cosmos (de cima) enquanto que o elemento pertencente à sua alma se soltava como elemento aquoso. Sentia a palavra como uma força calorosa e formadora do seu próprio ser. Assim ele sentia a palavra falada por seu ser como um poder criativo que trazia força ao mundo. Isso o levava ao “Conhece-te a ti mesmo!”, para uma consciência das forças criativas, no Macrocosmos, na qual se fazia uno com o macrologos. Era permitido vivenciar em si o poder criador do Macrologos. O que passava a percorrê-lo como uma substância mais volátil numa mistura de umidade morna, quando falava, passava ao Macrocosmos como formação de elementos sólidos de terra, ar, água e densificavam permanentemente suas existências na terra.(10)

“No início de tudo era o mundo”. “O princípio era o Verbo” – essa era a proclamação vinda do centro de aprendizado de Éfesos. Na sua atmosfera posteriormente viveram São João Batista, cujos discursos começavam com essas palavras. (10)

“Corpo é feito de fios perfeitos de terra, fogo, ar e água entrelaçando-se em sete níveis do tom que somos, assentando o organismo, os sentimentos, as sensações e os pensamentos que comportam um Ser, que é parte da Grande Música Divina”.

Segundo Gudrun Burkhard (As Sete Atitudes anímicas): Essas sete tonalidades diferentes (como as sete notas musicais) dão à individualidade características anímicas diferentes. Assim como cada indivíduo dispõe de uma constituição física e de um temperamento diferente, ou tem uma qualidade zodiacal isto é um signo diferente, também tem qualidades planetárias diferentes, que lhe servem de instrumento anímico aqui na vida terrena. Geralmente somos “tingidos” por mais de um tom, apresentando características mais acentuadas de dois ou três...(9)

Em relação ao canto, a dança, ‘as ferramentas de afinação do Corpo-Som do Ser (5)

“Steiner relata que nos primórdios da evolução da humanidade o ser humano ainda não tinha um eu individual, mas na forma como comemoravam suas festas resplandecia em suas almas algo como uma espécie de consciência do eu. O eu se lhes manifestava como um sonho. O ser humano vivenciava seu eu como um sonho noturno de verão.

E para que isso ocorresse, nos mais antigos festejos do solstício de verão, os participantes eram levados a desenvolver um elemento poético-musical pleno de danças de roda acompanhadas de canto e ordenadas de forma fortemente rítmicas. Certas apresentações e espetáculos constituíam-

se de recitativos musicais característicos, acompanhados de instrumentos musicais primitivos. Um tal festejo era completamente embebido pelo poético-musical. O ser humano como que derramava para o Cosmos, sob a forma de canto, música e dança o que possuía em sua consciência onírica.

Tudo tinha por meta que os seres humanos ingressassem numa atmosfera anímica por cujo intermédio ocorresse justamente, o que acabei de mencionar aqui, o luzir do Eu para dentro da esfera humana.

Se houvésemos perguntado a esses antigos indivíduos dirigentes dos festejos “Mas como foi que vocês tiveram a idéia de elaborar esses cantos e danças?” eles teriam dito: “Isto se aprende com os pássaros canoros”. É que eles haviam compreendido profundamente todo o sentido da razão pela qual os pássaros cantam.

Quando as cotovias cantam, o que aí se configura não atravessa o ar, mas o elemento etérico, alcançando o Cosmo e lá vibrando até certo limite; depois vibra de volta à terra e o mundo animal acolhe o que retorna assim vibrando, só que acrescentado da ligação com a essência divino-espiritual do Cosmo.

Dos festejos tinham ao canto, a música, mas também a dança e o escutar. Portanto os efeitos da realização dos festejos humanos ascendiam e, depois retornavam como algo que se manifestava aos seres humanos como poder do eu.

Ao se falar as vogais a alma canta sua própria canção.

As vogais são como estrelas-guia da alma.

Todo conteúdo emocional da alma – desejos e realizações, sofrimentos e alegrias, medos e encorajamentos – tudo que pode ser trazido de matizes emocionais, pode ser resumido em cinco sensações básicas – as cinco vogais. Elas exprimem todas as disposições anímicas

A cada vogal pronunciada, o ser humano estabelece uma ligação etérica com determinadas esferas do Ser da Fala estendido no cosmo.

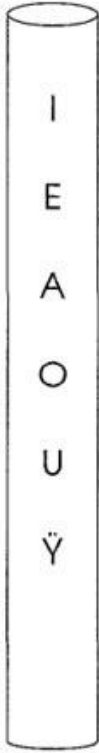
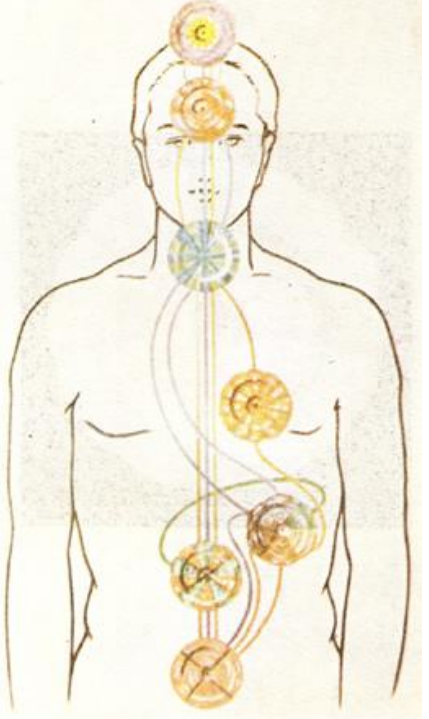
Dessas esferas ele recebe como resposta um eco muito mais poderoso que o próprio fonema.

É o Cosmo que exprime a vogal etérica, a verdadeira vogal, que para a eguidade de cada indivíduo é de suma importância.

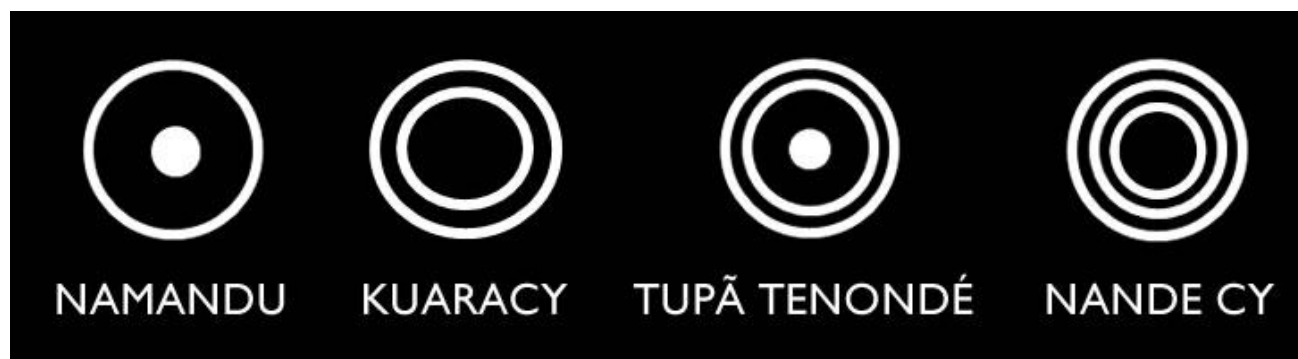
“Com o auxílio das vogais ele pode sempre voltar a ligar-se à imagem primordial do ser que é seu eu, é só por esse intermédio lhe cabe o papel majestoso de ser um eu.” (5)

A profecia tupi-guarani – “Quando uma contraparte da humanidade se tornar estrela, a Terra alcançará sua meta de ser ESTRELA-MÃE.”

Temos no livro Crônica do Akasha, sobre Vulcão, Steiner coloca que “nesse estágio a humanidade atingirá sua meta provisória e que o estado de consciência que o homem penetrará é chamado de “bem aventura divina”. (7)

	Silêncio (MB) intuição			
<p>Relação com o Sétimo tom</p> <p>Expressão da alma- palavra Neepora – fala sagrada do ser</p> <p>Angá mirim Ar</p> <p>Angá mirim Fogo</p> <p>Angá mirim água</p> <p>Angá mirim Terra</p>		<p>frontal</p> <p>garganta</p> <p>coração</p> <p>plexo</p> <p>umbigo</p> <p>Base da coluna</p>	 <p>FRANCA VIII AS CORRENTES DE VITALIDADE</p>	<p>Antroposofia</p> <p>Saturno - U</p> <p>Júpiter - O</p> <p>Marte - E</p> <p>Sol - AU</p> <p>Vênus - A</p> <p>Mercurio - I</p> <p>Lua - EI (AI)</p>

EM SÍNTESE:



ANTIGO SATURNO	ANTIGO SOL	ANTIGA LUA	TERRA
Namandu	Kuaracy	Tupã Tenonde	Nande Cy
Calor	Calor + tênue neblina	Calor + tênue neblina + águas	Terra Material
Amor e Sabedoria		Grande Som Primeiro Homem-Lua e Mulher-Sol	
Germe do Corpo Físico	Corpo Etérico	Alma-Colibri (corpo astral)	
		Seres Trovão Jakaíra Ru Ete Karái Ru Ete Tupã Ru Ete NanderuEte Namandu Ru Ete	

GRANDES CICLOS OU ESTAÇÕES CÓSMICAS

Primeiro Ciclo: Jakaíra	Segundo Ciclo: Karái Ru Ete	Terceiro Ciclo: Tupã Ru Ete	Quarto Ciclo: Namandu Ru Ete
<p>Neblina ou bruma</p> <p>Coragem para a liberdade de penetrar nos Sagrados Mistérios</p> <p>Tribos Pássaro e Povos Arco-Íris</p> <p>"Ventos atuam formando, unindo, separando."</p> <p>Espírito do Medo e Escravidão</p>	<p>Senhor do Fogo Sagrado</p> <p>Descoberta da Noite</p> <p>AYVU ROPYTA - fundamentos do ser</p> <p>"O fogo une o que é para ser unido e separa o que é para ser separado."</p> <p>Separação masculino-feminino</p> <p>Espíritos do Sono, do Sonho e da Ilusão</p>	<p>Senhor dos trovões e das sete águas</p> <p>Desafio é o poder</p> <p>ARANDU ARAKUVAÁ (a sabedoria dos Movimentos do Céu)</p> <p>Mau uso do poder Dilúvio</p> <p>Pensamento Linguagem Migrações</p> <p>"Tupã deixa sua essência em nós para exercitarmos o criar e destruir."</p>	<p>Tradição da Grande Mãe</p> <p>Tupy</p> <p>Tradição do Sonho</p> <p>Tradição do Sol</p> <p>Tradição da Lua</p>
Hiperbórea	Lemúria	Atlântida	Atual
<p>Ser Humano</p> <p>Nível de neblina como órgão e vitalidade</p> <p>Saída do Sol leva éter luz</p> <p>Rápida Densificação</p>	<p>Líquido flogoso</p> <p>Corpo Astral descontrolado</p> <p>Separação masculino-feminino</p> <p>Grupos migratórios na quinta sub-raça</p>	<p>Primórdio do EU Linguagem</p> <p>Conquista do Pensar Poder Mágico</p> <p>Eu/Alma Grupal Egoidade</p> <p>Mau uso da vontade Interferência com a natureza</p> <p>Quinta época - grupo escolhido para migração</p>	<p>Desenvolvimento da consciência do EU</p>

ALGUNS TEXTOS EXTRAÍDOS DA CIÊNCIA OCULTA E DA CRÔNICA DO AKASHA DE RUDOLF STEINER QUE TERIAM SEMELHANÇAS COM A COSMOVISÃO TUPI-GUARANI

Em Saturno o corpo físico do ser humano era um corpo calórico; no Sol ocorreu uma condensação em “estado gasoso” ou “ar”. Ora, como durante a evolução lunar aflui o elemento astral, em certo momento o físico adquire um novo grau de condensação, atingindo um estado comparável ao atual estado líquido. Podemos designar este estado como “água”, contudo não se trata da nossa água atual, mas de qualquer forma líquida da existência. (Ciência Oculta- Rudolf Steiner pág. 139)

Só nos cabe tentar uma descrição aproximada e comparativa daquilo que o homem vivenciava nestes períodos (*Antiga Lua*). Ele sentia como se as forças do universo afluíssem para ele, palpitassem através dele. Como que embriagado pelas harmonias do Universo, das quais ele compartilhava – eis como se sentia aí. Em tais épocas seu corpo astral parecia liberto do corpo físico, do qual também uma parte do corpo vital era retirado. E esse conjunto composto de corpo astral e corpo etérico era como um delicado e maravilhoso instrumento musical, em cujas cordas ressoavam os mistérios do Universo. Era de acordo com as harmonias universais que se plasmavam os membros da parte do ser humano sobre a qual a consciência tinha apenas uma influência mínima, pois nessas harmonias atuavam os seres do Sol. Assim essa parte do homem foi esculpida em sua forma, pelos sons espirituais do Universo... E assim o ser humano tinha uma espécie de consciência, embora indistinta, do jogo de harmonias cósmicas em seu corpo físico e na parte do corpo etérico que permanecera ligada ao primeiro. (Ciência Oculta- Rudolf Steiner pág. 150)

(Referente à saída da Lua - diferenciação dos sexos)

Os seres superiores, dos quais depende essa criação de formas, haviam decidido exercer sua atuação não mais do interior da Terra, e sim de fora. Com isso surgiu nas estruturas humanas corpóreas uma diferenciação que cabe designar como o início da separação dos sexos masculino e feminino. As formações humanas sutis que anteriormente habitavam a Terra geraram, pela interação mútua das duas forças – o germe e a força vivificadora, a nova forma humana, seu descendente. (Ciência Oculta- Rudolf Steiner pág. 168)

Enquanto o homem, por seu próprio passado, possui assim energia para impregnar-se com o fogo terrestre, seres superiores infundem o sopro do ar em seu corpo. Antes da solidificação o corpo vital do homem, como receptor dos sons, era o condutor da corrente aérea. Ele impregnava seu corpo físico com a vida. Agora seu corpo físico recebe uma vida exterior. O resultado disso é que essa vida se torna independente da parte anímica do homem. Então esse, ao abandonar a Terra, deixa nela não apenas o germe de sua forma, mas também uma viva reprodução de si próprio. Os Espíritos da Forma permanecem agora unidos a essa imagem; transmitem a vida que deles emana também aos descendentes, quando a alma está desligada do corpo. Assim é formado o que se pode chamar de hereditariedade. E quando a alma humana reaparece na Terra, sente-se num corpo cuja

vida foi transmitida pelos antepassados; sente-se justamente atraída para esse corpo em especial. Com isso se forma algo como uma espécie de *recordação* do antepassado ao qual a alma se sente unida. Ao longo da linha hereditária, essa recordação se segue como uma consciência comum. O eu flui descendentemente através das gerações. (Ciência Oculta- Rudolf Steiner pág. 171)

A época atlântica

No sentido da Ciência Espiritual, podemos chamar de Atlântida o continente então situado entre os limites atuais da Europa, África, América. (Na literatura pertinente encontram-se, de certa forma, alusões à época da evolução humana anterior à atlântica. Denomina-se época lemúrica da Terra aquela à qual se seguiu a atlântica. Por outro lado, a época em que as forças lunares ainda não haviam produzido seus efeitos principais pode ser chamada de hiperbórea... (Ciência Oculta- Rudolf Steiner pág. 189)

...A época atlântica

...Contudo, o homem os atraiu, por intermédio do ser luciférico, para o âmbito de sua alma separada do corpo físico. Com isso entrou em contato com seres que atuaram sobre ele de maneira altamente tentadora. Eles aumentaram na alma a tendência ao erro, particularmente o abuso das forças de crescimento e reprodução, em virtude da separação entre os corpos físico e vital estavam em seu poder...(Ciência Oculta- Rudolf Steiner pág. 189)

(após as migrações do final da época atlântica)

...Como esses grandes mestres eram efetivamente dotados com reproduções dos corpos etéricos de seus antepassados espirituais, o conteúdo de seu corpo astral, ou seja, seu saber e seu conhecimento autoconquistados, não alcançavam o que lhes ficava velado por meio de seu corpo vital. Pra que tais revelações lhes falassem em seu íntimo, eles deviam fazer silenciar seu próprio saber e seu próprio conhecimento. Então, a partir e por intermédio deles, falavam as elevadas entidades que também haviam falado a seus antepassados espirituais. Fora dos momentos em que essas entidades falavam por seu intermédio, eles eram pessoas simples, dotados com os dons do entendimento e do coração adquiridos espontaneamente... (Ciência Oculta- Rudolf Steiner pág. 197)

Do ponto de vista espiritual, o surgimento do temor significa que dentro das forças terrestres, a cuja influência o homem fora submetido pelas forças luciféricas, estavam ativos outros poderes que, no decorrer da evolução, haviam assumido uma irregularidade muito antes dos luciféricos. Com as forças terrestres, o homem acolheu em seu ser as influências dessas potências. A sentimentos que sem elas teriam atuado de modo bem diverso, elas deram o atributo do temor. Pode-se chamar essas entidades de arimônicas; trata-se das mesmas que – no sentido de Goethe – podem ser chamadas de mefistofélicas.(Ciência Oculta- Rudolf Steiner pág. 186)

...A época atlântica

Uma dessas faculdades é a linguagem. Ela foi autorgada ao homem por causa da condensação deste na materialidade física e pela separação de uma parte de seu corpo vital do corpo físico.

Nos tempos posteriores à separação da Lua o homem sentia-se ligado a seus antepassados pelo eu de grupo. Porém essa consciência comum, que unia os descendentes aos antepassados, perdeu-se gradualmente no decorrer das gerações. Então os descendentes posteriores tinham a recordação interior somente até um antepassado não muito longínquo; até os antepassados remotos, não mais. Apenas nos estados semelhantes ao sono, nos quais os homens entravam em contato com o mundo espiritual, surgia novamente uma recordação deste ou daquele antepassado. (Ciência Oculta- Rudolf Steiner pág. 192)

Em meados da evolução atlântica...

...O perigo era tanto maior quanto mais os homens, conforme foi dito, houvessem chegado ao domínio dos seres espirituais inferiores, que não podiam acompanhar a evolução terrestre regular, portanto, faziam-lhe oposição. Esses influenciavam continuamente os homens, de modo a inspirar-lhes interesses verdadeiramente contrários ao bem da humanidade...

...A conseqüência foi uma grande corrupção da humanidade. O mal se difundiu cada vez mais. E como as forças do crescimento e reprodução, uma vez extirpadas do seu solo natural e empregadas independentemente, encontram-se numa misteriosa relação com certas forças que atuam no ar e na água, por causa dos atos humanos desencadearam-se formidáveis forças naturais destrutivas. Isso conduziu à gradual destruição da região atlântica por catástrofes aéreas e aquáticas. A humanidade atlântica teve que emigrar na medida em que não era exterminada pelos cataclismos. (Ciência Oculta- Rudolf Steiner pág. 194)

...que se denominam os *três graus da evolução planetária*. Seus nomes na Ciência Oculta são: período saturnino, período solar e período lunar. Veremos que a priori essas denominações nada tem a ver com os corpos celestes que trazem esses nomes na astronomia física – apesar de existir, num sentido mais vasto, uma relação com eles, conhecida pelos místicos mais adiantados. (Crônica do Akasha – pg. 91)

...Antes de se tornar Terra, o corpo celeste onde decorre a vida do homem teve três outras formas, denominadas Saturno, Sol e Lua. Pode-se, pois, falar de quatro planetas onde se desenrolam as quatro etapas principais da evolução humana. Antes de se tornar propriamente “Terra”, a Terra era Lua; antes disso era Sol e, antes ainda, Saturno. Justifica-se, como se verá nos relatos seguintes, imaginar três etapas posteriores que a Terra – ou melhor, o corpo celeste que evoluiu até tornar-se a Terra atual – ainda terá que percorrer. Na Ciência Oculta elas se chamam Júpiter, Vênus e Vulcano. Por conseqüência, o corpo celeste com o qual o destino humano se relaciona passou por três etapas, encontrando-se agora na quarta etapa, e no futuro percorrerá mais três até que se desenvolvam todas as disposições que o homem possui para chegar ao auge da perfeição. (Crônica do Akasha – pg. 99)

...Nessa evolução há, pelo contrário, certas interrupções. O estado de Saturno não passa diretamente à etapa solar. Entre a evolução de Saturno e do Sol, e igualmente nas formas subseqüentes do corpo celeste humano, há estados intermediários que se poderia comparar à noite entre dois dias ou ao estado semelhante ao sono em que se encontra a semente de uma planta antes de desenvolver-se novamente até a planta completa.

De acordo com descrições do Oriente a respeito desse assunto, a Teosofia hoje chama de *manvataraum* estado evolutivo em que a vida se desenvolve exteriormente e de *pralaya* o estado de repouso intermediário. (Crônica do Akasha – pg. 100)

...Por isso a época atlântica é também a época em que se desenvolveu a linguagem. E com a linguagem surgiu um laço entre a alma humana e as coisas existentes no exterior do homem...

...As forças de sua alma eram mais ligadas à natureza do que os homens de hoje. Assim também palavra que eles pronunciavam possuía enorme força natural. Eles não só denominavam as coisas, mas em suas palavras residia um poder sobre elas e mesmo sobre os outros homens...

...A força mágica das palavras, de que se fala até hoje, era muito mais verdadeira para esses homens do que para os da atualidade. (Crônica do Akasha – pg. 27)

...Outra consequência da força mneumônica para a sociabilidade humana foi o fato de se formarem grupos de indivíduos que se conservavam unidos pela recordação de atos coletivos. (Crônica do Akasha – pg. 29)

...A origem do pensamento lógico deve ser procurada na quinta sub-raça (os proto-semitas-Atlântida)... O raciocínio desenvolveu-se...Aprendeu-se a elaborar os pensamentos. (Crônica do Akasha – pg. 30-31)

(a raça lemúrica)

...Lentamente, numa série de ritmos, fluem de seus lábios alguns sons estranhos, que se repetem sempre. Em círculo senta-se a seu redor certo número de homens e mulheres com expressão de sonho, aspirando vida interior dos sons que ouvem.

Outras cenas podem ser vistas ainda...porém os sons que emite são mais poderosos, mais enérgicos. E os homens ao seu redor movimentam-se em danças rítmicas. Essa era outra maneira de penetrar na “alma” da Humanidade. Os misteriosos ritmos ouvidos na Natureza eram imitados nos movimentos dos próprios membros. Os homens sentiam-se, deste modo, unos com a Natureza e os poderes que nela dominam.

...A Lemúria estava sempre sob o domínio de cataclismos naturais. A Terra não tinha ainda a densidade que teria mais tarde. Por toda parte o solo pouco espesso era revolvido por forças vulcânicas, que abriam caminho para o exterior em maiores ou menores fluxos. Em quase toda parte havia majestosos vulcões, que desenvolviam continuamente uma atividade destruidora. Os homens estavam acostumados a contar com essa atividade do fogo, em todas suas ações...

Pela atividade desse fogo vulcânico a Lemúria foi destruída. (Crônica do Akasha – pg. 50-51)

A formação exterior da Terra provocou uma formação unilateral do corpo. O corpo masculino tomou um aspecto determinado pelo elemento da vontade, ao passo que no feminino predominam as características da representação mental. Desse modo a alma bissexual habita um corpo unissexual, masculino ou feminino...

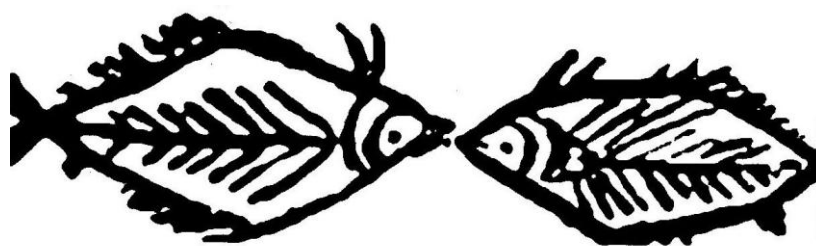
...Ao acompanharmos o decorrer da Crônica do Akasha, evidencia-se o seguinte: num tempo longínquo do passado, apresentam-se ante nós formas humanas de consistência branda, formas plásticas, completamente diversas das posteriores. Elas traziam em si, simultaneamente as naturezas do homem e da mulher. Com o decorrer do tempo a matéria foi se solidificando; o corpo humano assumiu então duas formas: uma semelhante ao futuro homem e outra semelhante à futura mulher. (Crônica do Akasha – pg. 57)

A energia pela qual o homem se dirige ao exterior a fim de atuar juntamente com um outro é o amor. Os seres sobre-humanos dirigiam todo seu amor para o exterior, a fim de deixar fluir para sua alma a sabedoria universal.

...A missão das naturezas sobre-humanas. Dos grandes guias, era gravar nos jovens homens seu próprio caráter, que é o amor. (Crônica do Akasha – pg. 59)

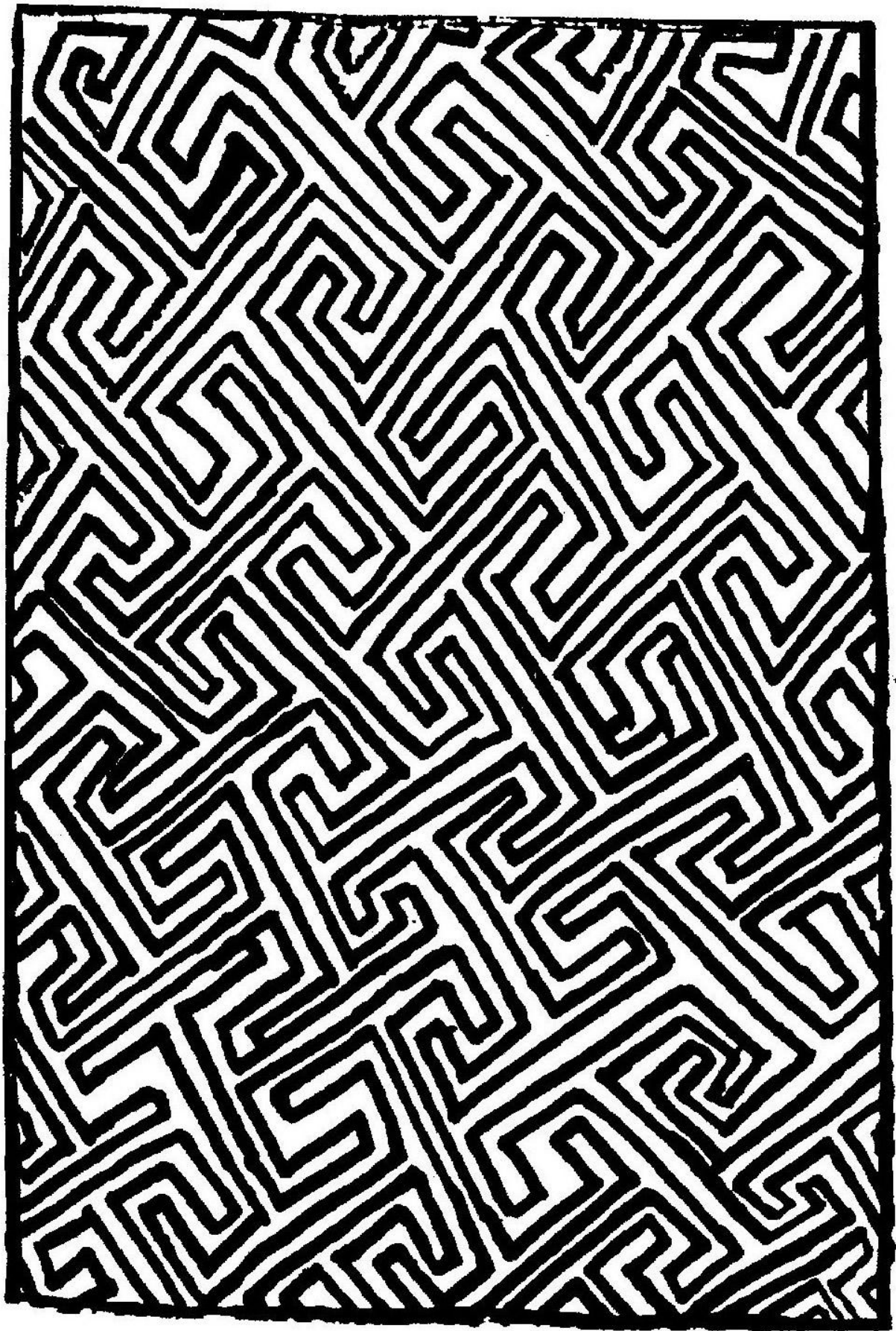
...De raça em raça, caminha a humanidade física; cada raça deixa em herança à seguinte, através da evolução física, suas qualidades perceptíveis pelos sentidos. (Crônica do Akasha – pg. 61)

...As atividades e faculdades corpóreas e anímicas não eram ainda estritamente separadas entre si. A vida da natureza exterior era vivida pela alma. Era principalmente o sentido da audição que recebia fortes impressões com cada abalo em seu ambiente. Cada estremecimento do ar, cada movimento em derredor eram “ouvidos”. O vento e a água com seus movimentos falavam ao homem uma “linguagem eloqüente”. Era uma percepção da misteriosa trama e atividade da Natureza que penetrava, desse modo, na alma do homem. E esse tramar e atuar ressoava também em sua alma. Sua atividade era um eco dessa influência. Ele transformava a percepção sonora em atividade própria. (Crônica do Akasha – pg. 63)



BIBLIOGRAFIA

1. A Terra de Mil Povos – Kaka Werá Jecupé.
2. Tupã Tenondé – Kaka Werá Jecupé.
3. A Ciência Oculta – Rudof Steiner.
4. A Crônica do Akasha – Rudolf Steiner.
5. O sentido da palavra – No princípio era o verbo – Alfred Baur.
6. Hierarquias Espirituais e seu reflexo no mundo físico – Rudolf Steiner.
7. Cosmogênese segundo a Antroposofia – apostila curso de Aprofundamento Espiritual – Modulo II – a evolução do Cosmos Bernhard Waizberg e Selim Nigri.
8. A Arqueologia do Mundo – A Evolução do Cosmos e do Homem – apostila - Dr.Wesley Aragão de Moraes.
9. As Sete Atitudes Anímicas – Gudrun Burkhard.
10. Rudolf Steiner's Mission and Ita Wegman – Margarete & Erich Kirchner Bockholt.
11. Curso de Básico de Formação em Antroposofia – Dr. Wesley Aragão de Moraes.
12. A impressionante Astronomia dos Índios Brasileiros – Germano Bruno Afonso.
13. Discurso Religioso e patrimônio intangível Guarany mbya – Luis C. Borges.
14. A morte na cultura Guarany – Benedito Prezia.
15. O mundo material é uma sombra da verdadeira realidade - Kaka Werá Jecupé.
16. Ayvu Rapyta em Portunhol Selvagem - Douglas Diegues.
17. O Canto da Criação do Mundo – um mito guarani – em relação à Ciência Oculta de Rudolf Steiner - Susanne Rotermund.
18. Doutrina Secreta – vol. I, II, III - Helena P. Blavatsky.
19. Karma – Anne Besant.



“No caminho do guerreiro, cabe a você discernir o que foi tecido pelos fios divinos e o que foi tecido pelos fios humanos. Quando você principia a discernir, você se torna um **txucarramãe** - um guerreiro sem armas. Porque os fios tecidos pela mão do humano formam pedaços vivificados pelo seu espírito. Essa mão gera todos os tipos de criação. Muitas coisas fazem parte de você para se defender do mundo externo, geradas pela sua própria mão e seu pensamento. Quando você descobre o que tem feito da sua vida e como é a sua dança no mundo, desapega-se aos poucos das armas, que são criações feitas para matar criações. De repente, descobre-se que, quando paramos de criar o inimigo, extingue-se a necessidade das armas.”

Kaka Werá Jecupé

